ANNE BONNY
RISÍVEIS VIDAS

T.S.K—A.C.E

Do artista para o artista,
somos todos artistas!

Viva a real cultura conquistense!
Viva a liberdade!

@t.s.k_a.c.e

A vida é uma tragédia. O bem sempre vai suceder ao mal, mas o mal sempre sucederá ao bem. É o equilíbrio maldito do tudo, que não permite a permanência do positivo ou negativo, e faz das vidas todas um joguete cósmico de malabarismo. Uma piada. É uma ironia!, o existir nessa terra. As coisas todas são transientes—vitórias e derrotas tão efêmeras—nada importa. A única certeza que se pode ter é que há uma roda bicolor, a todo tempo, rolando em sua direção e que, em algum momento, sem aviso, ela vai te atropelar.

No entanto, a vida é também uma comédia. E só se percebe isso quando assistindo em terceira pessoa. Observadores riem, sempre, pois tudo é cômico. Não há nada que não valha a risada, que não entretenha, e este projeto é prova. A tristeza é para os fracos e sábios; a felicidade é para os loucos, os ignorantes. Existir é mais que uma via de mão dupla, é uma faca de dois gumes.

Tudo passa! Mas tudo volta. Portanto, rio—chorando ou não—de mim ou dos outros, e de mim como o outro. Machuco e me permito machucar; afago e me permito afagar. Não hesito em apontar, gargalhar, atirar: a óbvia ironia. Principal-mente a quem só está começando nessa jornada de buracos e espinhos e perecíveis calçados macios feito nuvem. E sinto, com a compaixão dos antigos, pela tragédia que assoma a todos eles.

Risíveis vidas: trágicas, cômicas, cobertas de ironia. Minha vida, sua vida, nossas vidas. Cada tique do relógio representa um segundo a menos no temporizador que abraça, cozinha e, por fim, queima.

Texto e ilustrações por **A. Bonny**
Digitalização e suporte por **Tarcísio Pena**
Epígrafe não-ortodoxa na contracapa por **Mundo Livre S/A**,

dá pra entender?

Paloma é uma punk

à Ed Goma

Os pequenos fones de ouvido gritavam pelo corredor, baratos e surrados. Decibéis escapavam deles como afiadas ondas de punk distorcido, atingindo os ouvidos alheios como um invisível mosquito sanguinário onde quer que Paloma arrastasse suas botas sujas.

Quando ela passava, as conversas cessavam, todos olhavam. Alguns riam, outros se irritavam, mas todos se deliciavam com a visão do estranho. Pois Paloma era, sem sombra de dúvida, uma garota muito estranha.

Naquela tarde, encontrara a porta de seu armário escancarada, pendurada por uma única dobradiça; os livros rasgados e espalhados pelo chão. Os responsáveis pelo incidente ainda estavam por perto, filmando com seus celulares, ansiosos por captar uma reação. Mas Paloma ignorou a bagunça, sem se dar ao trabalho de recolher os pedaços ou de tentar fechar a porta. Lançou um olhar rápido, sem emoção, para a multidão de curiosos que se formou e, sem dizer uma palavra, se mandou para casa—sua mente já ocupada com questões de maior relevância.

O presente

Chovia no dia em que Tadeu encontrou o gatinho recém-nascido em sua carteira, embrulhado em papel crepom, dentro de uma caixinha de presente rosa.

Ninguém sabia de onde vinha, mas foi toda uma festa quando acordou e soltou um miadinho. As crianças todas queriam pegá-lo, e o gatinho passou de mão em mão, com alguns até beijando e o batizando com seu diminutivo favorito.

Quando o professor entrou na sala para começar a aula, Tadeu rapidamente escondeu o bichinho de volta na mesa. O Sr. Oliveira nem sequer questionou os gritinhos desesperados que ouvia, já acostumado com as brincadeiras dos meninos.

Assim que o último sino tocou, metade da sala seguiu Tadeu até seu armário. A garota de quem ele gostava implorou para que trouxesse a pequena "Fifi" de volta no outro dia, e ele fez questão de prometer que até faria um lacinho de fita para enfeitá-la.

Na manhã seguinte, porém, Fifi não se mexia. Tadeu entrou em pânico; chorou e esperneou para não ir a escola, mas sua mãe o obrigou. Na mochila, junto aos livros, lápis e merenda, a caixinha rosa. O gatinho, imóvel e mau-cheiroso, fora enfeitado com um laço lilás—a cor favorita de sua *crush*.

Uma noite quente e solitária

Laura era muda, e por esse motivo, nunca teve amigos. Alguns sentiam pena, e ela sempre tinha onde se sentar na hora do lanche, mas ninguém se importava em incluí-la nas rodas de conversa. Ela não valia o esforço de aprender linguagem de sinais, ou esperar para que escrevesse uma opinião no caderninho que sempre levava consigo. Portanto, desde muito nova, Laura teve de lidar com essa vida social tediosa e unilateral. Isto é, até chegar ao ensino médio.

Foi na aula de história que ela conheceu Márcia. A garota sabia linguagem de sinais e, quando conversavam, Laura se sentia compreendida. O problema era que Márcia não gostava de Laura, e no curso daquele ano letivo, o relacionamento entre as duas deteriorou-se àquele de bully e vítima. O que um dia foi uma existência quieta e solitária, se degenerara a um pesadelo constante.

O Natal já batia à porta, era o último dia de aulas, e Laura seguia Márcia pelas escadas até o segundo andar. Os corredores estavam desertos; todos já tinham ido embora para as férias. As mãos de Laura tremiam enquanto subia, seu estômago se contorcendo de nervosismo.

"Chegamos," disse Márcia, levando-a para dentro de uma das salas de aula e abrindo as janelas; a brisa morna do fim de tarde fez dançar a poeira que cobria as cortinas e carteiras abandonadas.

Do bolso do moletom, Márcia puxou duas chaves, mostrou-as a Laura, e jogou uma delas pela janela. Confusa e assustada, Laura apenas assistia em silêncio. Foi então que a garota, com um sorriso sinistro de orelha a orelha, veio lentamente em sua direção. Antes que pudesse reagir, Márcia a jogou no chão, correu e bateu a porta com um estrondo, trancando-a pelo lado de fora.

Um fraco guincho foi o único som a escapar da garganta de Laura—como o nascer de um grito que nunca se formou—antes de seus punhos martelarem desesperadamente à porta de madeira-maciça, num clamor que ecoou pelo prédio deserto até muito depois do cair da noite.

O Esquisito

“Aqui que você mora?” lia a legenda abaixo de uma foto da casa dela, enviada de um número desconhecido.

“Parece que somos vizinhos,” veio outra mensagem, depois de alguns minutos.

“Quer dar um rolê?” apareceu a notificação, mas ela não a abriu.

“Estou aqui fora” lia-se na tela do celular, não muito depois.

Ela espiou pelas persianas e viu um colega de classe na entrada da casa—aquele garoto esquisito, de quem ouvira histórias.

Meia-hora se passou, e ele ainda estava lá, parado no mesmo canto. Devagar, ela fechou as cortinas de todas as janelas da casa, e deu duas voltas na tranca de todas as portas que davam pra fora. Porém, logo quando essa nova camada de segurança permitiu a ela um suspiro de alívio, o inconfundível barulho do carro lata velha de sua mãe tossiu e engasgou na porta da garagem. Num frenesi, ela subiu correndo para o quarto, se escondeu debaixo das cobertas e abriu bem os ouvidos, tentando escutar os sons que vinham lá de baixo:

Vozes abafadas. O ranger da porta da frente abrindo. O som de pés se limpando no tapete. O nome dela, a mãe chamando o nome dela. Passos na escada. Uma batida na porta. A maçaneta a girar. O clique do interruptor.

“Olha quem eu achei lá fora! Um amigo seu veio te chamar pra brincar—fala oi pra ele!”

Vermelho

"Eu sou uma pessoa bem espiritual, sabe?" ela parecia precisar sempre dizer, "e eu sinto a sua aura bem, hm, *vermelha* hoje."

Quando virei a cabeça, a iridescência da pérola falsa colada à testa foi a primeira coisa que me chamou atenção nela, depois a monocelha, as pálpebras caídas e, por último, a mosca desenhada logo acima dos lábios melados de batom preto. Nós nunca havíamos conversado antes, e por algum motivo, ela esperava que eu compreendesse o que dizia.

"Você tem tido, hm, pensamentos homicidas... ultimamente?" ela perguntou, encarando minha cara agora estupefata. "Talvez você ande querendo, hm, tipo, matar seus pais, sabe?"

"Eu... Do que é que você tá falando?"

"É sua aura. Talvez eu possa, hm, te ajudar com ela."

A lentidão daquele discurso—pontuada por "hms"—era ao mesmo tempo irritante e sedutora. A estranheza de sua aparência prendia minha atenção, e instigada a curiosidade, descobria um novo detalhe com cada piscar de olhos.

"Uhm... Ajudar minha... aura?"

"Isso... Você, hm, gosta de gatos?" E depois do mais longo segundo. "Ou cachorros?"

Pela hora do lanche, tive a impressão de que ela estava flertando.

"Sabe, eu... uh, sou bem espiritual, vê? E sua aura mudou. Estava, hm, *vermelha* antes, mas agora está verde. Verde é bom, sabe?"

"Ah, é?" Respondi, tentando me concentrar no sanduíche, enquanto ela estudava meu rosto como se tentasse ler minha mente—*com seu olho bom*.

"Eu acredito ser uma boa, hm, influência pra você—ehr, quer dizer, sua *aura*."

"Então é você quem tá me deixando verde!" Eu exclamei, fingindo irritação, e as bochechas dela viram cor pela primeira vez na vida, com o mais leve rubor.

O que se seguiu foi um silêncio quase-constrangedor, porque agora ela encarava sem dizer nada como desculpa.

Na manhã seguinte, de novo ela apareceu no seu estilo "gótico conservador": uma blusinha de renda sobre um vestido preto que se arrastava no chão. Quando veio, um potente cheiro de lavanda tomou conta de todo o ar fresco do corredor, e tive a impressão de que a pérola dela estava mais para esquerda que o normal. Talvez acordara tarde e não deu tempo de usar a régua.

"Oh, olá você," eu disse, mas ela levou um tempo para responder, como se precisasse parar para processar uma mensagem tão complexa.

"Então… hm… você gosta de gatos, né?" Ela começou. "Quer, hm, ver uma coisa legal?"

"E o que seria isso?" Perguntei desconfiado.

"Um gato!" Ela respondeu, mais rápido que o normal, num estranho choque de entusiasmo.

Contra a vontade da alarmante voz do bom senso gritando nos meus ouvidos, resolvi dar o benefício da dúvida e segui ela pra fora da escola até o estacionamento adjacente. Lá, dentro de uma lata de lixo, havia mesmo um gato—morto, atropelado, todo *vermelho* e contorcido. Quando vi, senti a bile subir à garganta e dei um pulo pra trás, de repulsa.

"M-Mas que porra é essa!? Por que você tá me mostrando isso!?" gritei assustado, mas quando olhei pra ela, sua expressão era impenetrável. Quanto mais a fitava, mais minha raiva desaparecia numa confusão frustrada; e ficamos ali parados em silêncio, naquele miasma de carne podre e lavanda, por quanto tempo meu estômago aguentou. Nenhum de nós sabia o que dizer.

Não acho que ela tenha tido a intenção de me machucar com aquilo, mas o tempo todo me senti observado, como se toda minha ação estivesse sendo julgada. O que ela queria comigo? Aqueles olhos perfurantes não diziam; e foi então que percebi o quão pesada a presença dela se tornara.

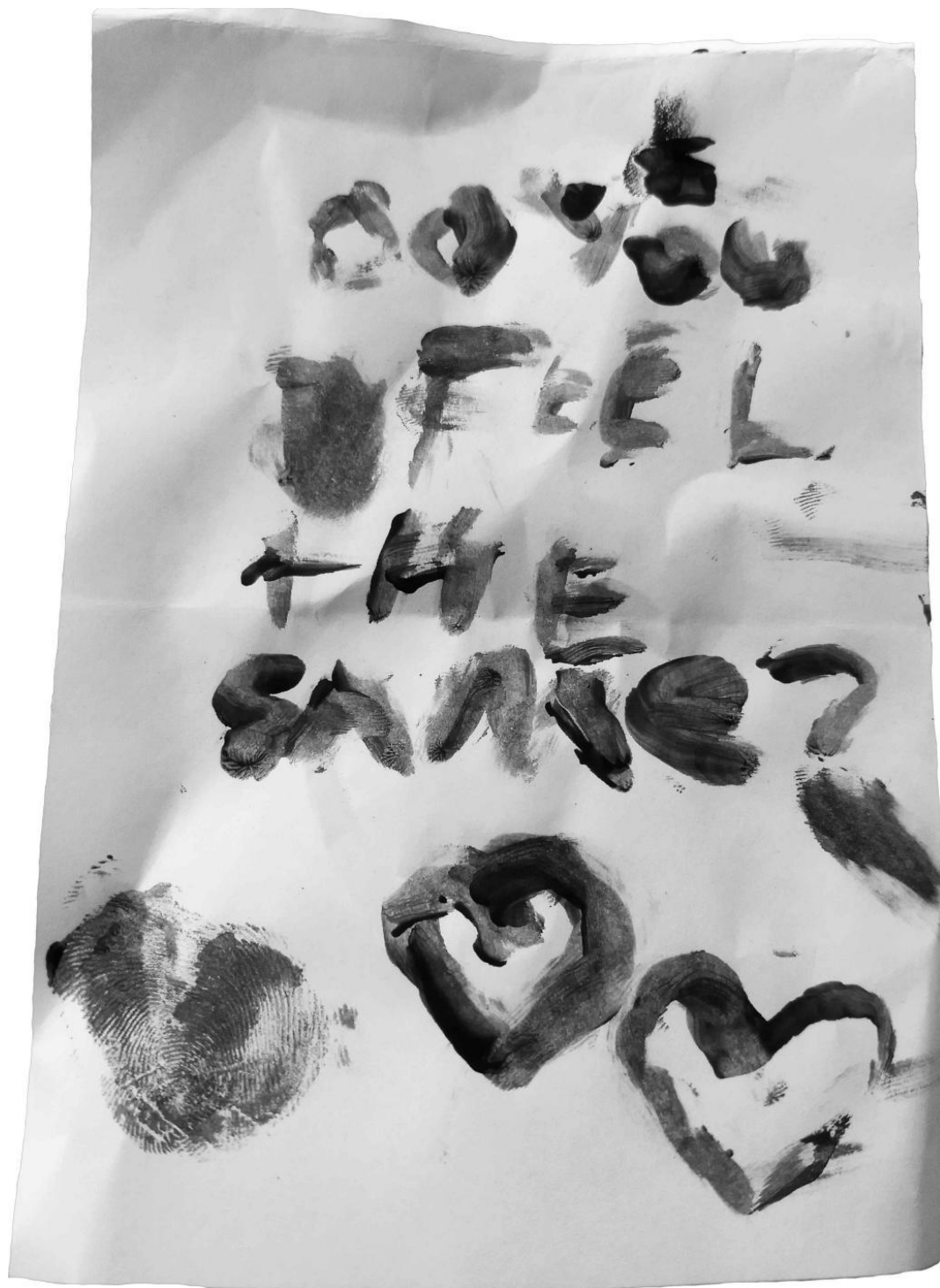
"Por que… Uhm… Isso não foi engraçado!" Eu disse entre alto e não, com medo e confuso, e fui pra aula. "Olha, tanto faz."

Ela não se sentou comigo no lanche. A mesa sempre vazia parecia ainda mais vazia naquela tarde, ainda que não conseguisse

me livrar do sentimento de que não estava só. Era como se os olhos dela ainda estivessem em mim, me assistindo de algum lugar. O estranho é que não era ruim, mas quase reconfortante. Eu sabia que era ela, ou a espiritualidade exagerada dela, sei lá. E pela primeira vez, considerei ter irritado uma bruxa de verdade—ou pelo menos arruinado as esperanças de uma por romance.

Na hora de ir embora, encontrei um bilhete enfiado no meu armário. Estava todo manchado, grudento e nojento e, o pior de tudo, fedia. Talvez num outro momento aquelas palavras fossem vermelhas, aquela mensagem, inocente, mas agora só me perturbavam intensa-mente—como o crepitar daquela saia se arrastando no chão, como aquele olhar incessante me pesando o corpo, como o arrebatador cheiro de lavanda a dominar o corredor.

Meu coração disparou quando senti um toque no ombro; me virei, e lá estava ela, segurando uma caixinha de presente rosa.

DO YOU
U FEEL
THE
SAME?

A felicidade, tal a morte,
é como um concurso milionário da TV.
Existe um globo infinito, com milhões de bolinhas,
girando em algum lugar.
A cada instante uma deusa retira um número
que pode ser o meu.
Por isso, nada de pudores.

Dá pra entender?